



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Formação profissional

UMA REFLEXÃO SOBRE A NECESSIDADE DA ARTE COMO MEDIAÇÃO EM CACHOEIRA, NO RECÔNCAVO BAIANO - BRASIL

RICARDO DE HOLANDA LEÃO ¹

RESUMO: O artigo traz uma reflexão sobre a conjuntura social da cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia e a necessidade de realização de um exercício profissional do Serviço Social mediado pela arte. Debate-se a dimensão técnico-operativa a partir da estética de Marx tendo em vista a dinâmica social da cidade sendo este um território de lutas que tem a arte como lugar de resistência e expressão popular.

Palavras-chaves: Arte; Mediação; Exercício Profissional; Emancipação Humana; Recôncavo Baiano.

RESUMEN: El artículo presenta una reflexión sobre la coyuntura social de la ciudad de Cachoeira, en el Recôncavo de Bahía, y la necesidad de llevar a cabo un ejercicio profesional de Servicio Social mediado por el arte. Se debate la dimensión técnico-operativa desde la estética de Marx, teniendo en cuenta la dinámica social de la ciudad como un territorio de luchas que tiene al arte como lugar de resistencia y expresión popular.

Palabras-claves: Arte; Mediación; Ejercicio Profesional; Emancipación Humana; Reconcavo Baiano.

Introdução

Este artigo constitui parte de uma pesquisa que no atual momento está sendo realizada em Cachoeira, cidade do recôncavo da Bahia. A investigação busca debater acerca do trabalho profissional do Assistente Social com famílias no âmbito da Política Nacional de Assistência Social/PNAS se utilizando da arte como mediação, tendo em vista que esta pode ser um instrumento profissional na garantia de direitos.

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Ela acontece a partir do estudo dos trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social, dando ênfase ao profissional Assistente Social, tendo em vista que este está a todo tempo construindo as mediações necessárias para a efetivação de direitos dos usuários e atendendo as necessidades postas pelos mesmos. Assim, busca-se aprofundar a ideia do estudo da estética marxista no sentido de abordar a arte nesta mediação como alternativa de superação da alienação no cotidiano profissional, ao passo que visa também um debate acerca da emancipação humana (TONET, 2005) compreendendo aspectos necessários para sua práxis.

Desta maneira, reconhecendo inicialmente que “a ciência e a arte são exemplificações da capacidade humana de refletir a sociedade” (SANTOS, 2015, p.128), e também que a partir da metade do século XIX, muitos artistas, assim como as artes de modo geral entram no mundo capitalista de produção de mercadorias, deixando de lado a coletivização das mesmas e seus modos de vida, e desenvolvendo a subjetividade, num meio competitivo, este artigo busca construir a relação que se estabelece na sociedade contemporânea a qual, utilizando-se do trabalho do assistente social, a partir da Política de Assistência Social, constitui a compreensão da dimensão técnico-operativa da categoria, reconhecendo e possibilitando tratar da mediação profissional através da arte.

Para pensarmos o locus da pesquisa, importa mencionar que o Recôncavo da Bahia “é reconhecido na historiografia sobre as regiões brasileiras como aquela que exerceu papel fundamental no Império colonial português, pois nela se formou uma importante rede de cidades, precursoras do movimento de interiorização da colônia” (SILVA, 2015, p. 97). Cachoeira, que antes se chamava Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, foi criada como freguesia em 1693, para receber senhores de engenho e comerciantes, sendo desde aquele momento um grande centro açucareiro e de tabaco. No começo do século XVIII, a povoação já se consolidava com a construção de pontes sobre os riachos, o que facilitava a interiorização do desenvolvimento para o sertão pelo rio Paraguaçu, sendo também o principal porto de escoamento para Salvador, da produção dos engenhos localizados à beira do rio. Cachoeira passa por transformações no modo em que é reconhecida sendo elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial nº 46, de 13 de Março de 1837.

O Governo da Bahia institui o Programa dos Territórios de Identidade, através do Decreto nº 12.354, em 25 de Agosto de 2010, como regionalização das políticas do governo com critérios a cargo da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) em conjunto com o Conselho Estadual de

Desenvolvimento Territorial (CEDETER). Desse modo, 27 territórios de identidade são criados, entre os quais o Território do Recôncavo Baiano se configura em dezenove municípios (Muritiba, Cruz das Almas, Cabaceiras do Paraguaçu, Castro Alves, Sapeaçu, São Felipe, Conceição de Almeida, Varzedo, Santo Antônio de Jesus, Dom Macedo Costa, Muniz Ferreira, Governador Mangabeira, São Félix, Cachoeira, Maragogipe, Santo Amaro, Saubara, Salinas da Margarida e Nazaré), somando aproximadamente 551.168 habitantes (IBGE, 2022), com uma extensão territorial de 4.570 km².

A cidade de Cachoeira ocupa 395,21 km² e está distante 110 km de Salvador e 46 km de Feira de Santana, sendo a quinta cidade mais populosa do Recôncavo, contando, no último censo (2022), 29.251 habitantes. Nesse abraçamento, levantamos a questão da cultura como construção da identidade de um povo, de uma comunidade, porque se faz permeada de aspectos importantes que o constitui. A cultura é também o lugar das reproduções das dinâmicas cotidianas, das atividades que realiza o ser social e também é produtora da particularidade dos sujeitos. Assim, ela juntamente com a arte se coloca como dimensão fundamental para a realização de atividades sociais, educativas, promotoras do pensamento crítico.

Desse modo, pensando o lugar da cultura na dinâmica de Cachoeira, esse artigo visa trazer elementos para pensar a arte como mediação nas relações profissionais do Serviço Social, tendo em vista que a referida cidade tem, em si, uma configuração artística latente através das manifestações de grupos culturais ocorridas durante todo o ano e que podem ser caminho para o trabalho profissional de assistentes sociais no enfrentamento à “questão social”. A reflexão adentra ainda aspectos da dimensão técnico-operativa da profissão, como também leva em consideração aspectos sociais e políticos que a integra e sua relação com a estética marxista sendo a arte uma possibilidade mediativa entre a política e os usuários, assim como entre esses e a sociedade como um todo.

A necessidade da arte e a dimensão técnico-operativa do Serviço Social

Para Santos (2015), a arte como possibilidade de mediação profissional do Serviço Social configura uma necessidade. Nesse sentido, pensar tal relação é construir um caminho de aprofundamento de uma dimensão a ser trabalhada pela categoria, desenvolvê-lo, ao tempo de discuti-lo como parte de um trabalho que pode ser realizado cotidianamente. Vale salientar que grande parte do trabalho social que utiliza a arte como mediação se encontra, em proporções



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

maiores no âmbito do terceiro setor, já que se faz notória sua repercussão nas comunidades a partir de ONG's. No entanto, é sinalizada esta mediação também nas políticas sociais setorizadas, no âmbito estatal. Assim, busca-se apreender o exercício profissional na reprodução da vida social, ao tempo que se relaciona Estado e Sociedade no cotidiano da profissão.

Importante destacar que ao tratar sobre a dimensão técnico-operativa do trabalho profissional, corroboramos com o que nos apresenta a professora Yolanda Guerra (2012), que coloca o exercício profissional do assistente social como uma atividade profissional que recebe as determinações históricas, estruturais e conjunturais da sociedade burguesa e respondendo a elas, consiste em uma totalidade de diversas dimensões que se autoimplicam, se autoexplicam e se determinam entre si. Tais dimensões, em razão da diversidade que as caracterizam como unidade de elemento diverso, conformam a riqueza e amplitude que conforma historicamente o modo de ser da profissão que se realiza no cotidiano.

Desse modo, diante das manifestações da questão social no cotidiano e dos processos de participação sociais, Prates (2007, p. 222) mostra que,

As chamadas áreas humano-sociais (em especial, o Serviço Social), por seu caráter interventivo, são hoje, cada vez mais, desafiadas a construir ou utilizar cadeias de mediações alternativas que possam dar conta da complexidade dos fenômenos sociais. Velhas e novas demandas tencionam nosso cotidiano de trabalho, exigindo uma capacidade estratégica que possibilite não só o seu desvendamento, como também uma intervenção efetiva que contribua com o desenvolvimento de processos sociais emancipatórios.

Ainda segundo Guerra (2012), ao entendermos que a atividade profissional se operacionaliza nas expressões da questão social, os objetos desta intervenção também se complexificam e se aperfeiçoam, pois é somente assim que a profissão torna-se capaz de dar respostas qualificadas às diferentes e antagônicas demandas que lhe chegam. A dimensão técnico-operativa, logo, é a forma de aparecer da profissão, pela qual é conhecida e reconhecida. É a dimensão que dá visibilidade social à profissão, já que dela depende a resolutividade da situação, que ora é mera reprodução do instituído, e ora constitui a dimensão do novo.

Importante também destacar que este debate sobre a dimensão técnico-operativa vela a dimensão político-ideológica da profissão, como aquela pela qual o Serviço Social atua na reprodução ideológica da sociedade burguesa ou na construção da contra-hegemonia. Exatamente nesta perspectiva compreende-se que a arte pode ser uma mediação que dá materialidade a esta construção contra-hegemônica do exercício profissional.

Nesse intuito, pensando a dimensão técnico-operativa diante da cotidianidade da profissão, vale recordar que a região a que estamos refletindo recebeu fortes influências africanas,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

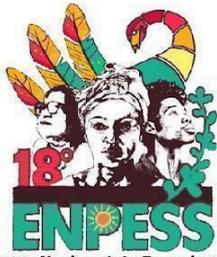
nas quais destacamos a música e a religião da população local. Foi nela que nasceu o samba de roda e a forte base do sincretismo católico e das religiões afro-brasileiras, mas também mantém a forte cultura da capoeira, das bandas fanfarras, das festas de rua, da culinária, etc. Portanto, uma região rica em diversidade e cultura que tem a arte como pano de fundo das constituições sócio-políticas. O uso da arte como mediação para desenvolver políticas e direitos sociais na região é um caminho que pode ser realizado pensando a processualidade do exercício profissional do Serviço Social no intuito de discutir, junto a população, temas relevantes do cotidiano das famílias, alcançando resultados positivos, por exemplo, no debate contra a violência doméstica, a homofobia, o racismo, debatendo questões de moradia, pobreza, emancipação humana, etc., tendo em vista que possibilita uma maior fluidez para o diálogo profissional junto às comunidades.

A partir do exposto, buscamos aprofundar a compreensão da mediação através da arte no Serviço Social a partir da estética marxista no intuito de elucidar possibilidades de atuação técnico-operativa, tendo em vista o projeto ético-político da profissão na perspectiva de emancipação junto aos usuários de modo estratégico, pensando e atuando a partir da utilização da arte na elaboração de projetos e programas que possam ser desenvolvidos com comunidades ao tempo que propicia a quebra de ciclos de violência e pobreza. Nesta direção, apropriar-se da arte como forma de mediação, tangenciando a dimensão técnico-operativa da profissão no âmbito da estética marxista faz-se de elevada importância como possibilidade interventiva do Serviço Social, tendo em vista que,

A arte é importante instrumento de reprodução do ser social. Expressamos – através do traço, da cor, do som, dos gestos – sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos e materializamos na pintura, na dança, na culinária, na escultura, na dramatização, na arquitetura, na música, nossas objetivações, em parte históricas e socialmente construídas, em parte histórica e socialmente determinadas, possibilitando que sejam apreendidas pela razão e sensibilidade do outro; mas, por outro lado, reduzimos também o sentido estético, o gozo humano do belo, do bom, do confortável, quando nossa sensibilidade é alienada (PRATES, 2007, p. 224).

A arte, desse modo, como expressão dos sujeitos, pode ser pensada como produto material e concreto de análise da realidade para o profissional do Serviço Social e, bem utilizada, serve de condições para o planejamento de estratégias interventivas, ligando-as à compreensão do social, percebendo sua historicidade, sua geografia e a ideologia que a forma (Idem).

Pensar arte e cultura na constituição de um povo nas comunidades, levando em conta uma estética que considere o materialismo histórico diante da produção social pode muito em seus efeitos. Recordamos o que menciona Pontes (2016, p. 196) quando diz que o assistente social é



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

“um agente que trabalha com e nas mediações” e nessas, a linguagem utilizada pelo(a) profissional se dá a partir da fluidez e da compreensibilidade por parte de quem recebe atendimento. Compreender a cultura daqueles que são atendidos faz com que as ações ocorram de maneira íntegra, a partir do respeito e da liberdade. A arte pode ser esse canal de relações que adentra e possibilita diálogos nas comunidades, reverberando-as num patamar de escuta e de possibilidades reais.

O que se pretende enfatizar é que a intervenção de natureza técnico-operativa não é neutra, mas ela está travejada pela dimensão ético-política e esta, por sua vez, encontra-se aportada em fundamentos teóricos, donde a capacidade de o profissional vir a compreender os limites e possibilidades não como algo interno ou inerente ao próprio exercício profissional, mas como parte do movimento contraditório que constitui a realidade social.

Ao pensar a cidade de Cachoeira, importa reconhecer que ela é considerada um monumento nacional, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1971, reunindo um importante acervo arquitetônico no estilo barroco e o maior estaleiro cultural independente do Brasil. A cidade conferia, nos séculos XVIII e XIX, muito poder e prestígio em decorrência da riqueza gerada pela cana-de-açúcar e pelo fumo, refletindo nos edifícios desse período, considerada, à época, a segunda mais importante da Bahia. Importa mencionar que Cachoeira, no Recôncavo Baiano, foi a sede do governo durante a Guerra da Independência, onde foram treinados e organizados os batalhões que lutaram em Salvador e em Cachoeira contra os ataques portugueses. Vale apontar que, historicamente, a cidade foi pioneira no movimento para emancipar o Brasil de Portugal, partindo dali os primeiros gritos de revolta contra a opressão portuguesa.

A liderança política da então vila se consolidou em decorrência das lutas pela independência, em junho de 1822, onde Cachoeira proclamou o príncipe D. Pedro I como regente, sendo a sede do governo provisório do Brasil. A Vila de Cachoeira, criada em 1832 foi elevada a cidade em 1837, onde foi sede do governo novamente em decorrência da Revolta da Sabinada, provocada pela insatisfação com o governo regencial instalado no Brasil após a independência, movimento que reivindicou uma maior autonomia e federalismo republicano às províncias. A cidade recebeu o título de “Cachoeira, a Heróica” em virtude dos seus feitos, por lei, publicada em 1837.

Nos primeiros anos de sua criação, o comércio cresceu rapidamente fazendo com que a cidade se tornasse a mais rica, populosa e uma das mais importantes do Brasil, tendo o açúcar



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

como um dos alicerces de sua economia. No final do século XIX, permeada por crises econômicas, Cachoeira perde grande parte da população e o século XX inicia com uma nova crise que atinge a cidade pela falta de movimento no porto devido ao declínio da agroindústria fumageira agravado pela reestruturação do sistema viário do estado, entrando em constante decadência em muitos setores (IPHAN, 2014). Faz-se, contudo, necessário, atentar que Cachoeira possui uma significativa presença de afrodescendentes que manifestam no cotidiano uma riqueza cultural sócio-histórica, porém marcada pela herança da “[..] escravidão com traços negativos na formação social e econômica brasileira. A marca do trabalho escravo se reflete no cenário contemporâneo, através das expressões da questão social que atinge cruelmente a população negra do Brasil e, em particular, de Cachoeira” (ÁVILA et. al., 2018, p. 16).

É nesse cenário que o cotidiano profissional se impõe, com suas contradições, onde a “questão social” se insere diante do reflexo nacional econômica e politicamente. As expressões artísticas estão, durante todo o ano, sendo vivenciadas pela população cachoeirana através de festejos de cunhos religioso e/ou profano, e se ampliam aos visitantes e turistas que adentram a cidade no intuito de conhecê-la. Dessa maneira, a arte está refletindo em continuidade o cotidiano e a história que ali foi construída expressando vivências da população, em sua maioria negra, com sua cultura, contradições e força política na construção e reafirmação da identidade.

Contudo, discutir a arte como mediação e a estética no Serviço Social não é tarefa comum, porém se faz necessária ao passo que é parte da vida desde seus primórdios e influencia os modos de vida e cotidianidade dos sujeitos políticos. Construir saberes e mediações é prerrogativa do Serviço Social e, neste íterim, Marx mostra nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos ([1844], 2004) que a arte pode ser estratégia de intervenção definida como uma estética possível de não alienação face aos avanços do capital, daí a importância de compreendê-la na perspectiva dos direitos sociais a partir das políticas públicas na contemporaneidade. Porém, se pensarmos a realidade de Cachoeira, assim como em tantas outras localidades dentro e fora do Recôncavo, a arte ainda não é vista como caminho de mediação no Serviço Social, isto é, ela ainda não foi inserida como instrumento de trabalho de assistentes sociais, muito menos no que poderíamos chamar, como a professora Yolanda Guerra muito bem denominou, como parte da instrumentalidade, no exercício e na prática profissionais.

Abordar a dimensão artística dentro da categoria profissional é ligar o pensamento crítico político-social, tratando as refrações da “questão social” como resultado das ações do ser genérico na sociedade, reconhecendo suas ideologias e poderes de dominação de uma classe



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sobre a outra. Pensar essa constituição de mediação do Assistente Social frente às questões postas no cotidiano, resultado de dominação dentro de um sistema maior que é o do capital, contribui no exercício de um trabalho que leve os usuários da Política de Assistência Social a uma dimensão emancipadora¹. Destacamos, contudo, que não temos uma compreensão messiânica do Serviço Social, mas buscamos trazer ao debate a perspectiva de contribuição da categoria na sociedade, diante dos serviços e da política para a população que dela é usuária.

Dessa forma reconhecemos que o Serviço Social passa constantemente por desafios no intuito de construir e utilizar-se de mediações alternativas que possam efetivar e sobrepor-se à complexidade dos fenômenos sociais. Nesse sentido, a arte, sendo um importante meio de reprodução do ser social na história, pode ser vista como instrumento capaz de desenvolver estímulo ao potencial criativo e crítico do ser humano, ampliando a noção de direitos e consciência social, sendo também um fundamental instrumento para fortalecer o projeto profissional do Serviço Social também em Cachoeira. O debate sobre esta dimensão pensa a arte como uma estratégia de trabalho que consiga dar materialidade ao processo de construção no âmbito dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), nos Centros de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (CCFV), nos Centros de Referência Especializados para a População em Situação de Rua (Centros POP) junto à população usuária dos serviços, nas ações diante de medidas socioeducativas, e em todos os espaços possíveis nos quais o Serviço Social adentra.

Arte como caminho de diálogo e reflexo da realidade social

A arte é interesse antigo de Marx (FREDERICO, 2013) que, junto ao Direito e à Filosofia, se empenhou no estudo da literatura e da estética, ao tempo que, em paralelo à atividade jornalística, se dedicou a escrever alguns ensaios² sobre ela. Devido sua atribulada militância jornalística e ao exílio em Paris, acabou deixando tais reflexões de lado, porém, em 1844, retoma sua investigação sobre a arte, fazendo transparecer nos Manuscritos econômico-filosóficos, debatendo sob influência dupla de Hegel e Feuerbach, marcando suas incursões na estética³.

¹Vale salientar que tal emancipação quer dizer humana, na busca por uma sociedade livre e igualitária, indo além da emancipação política (TONET, 2005).

²No início de 1842, escreveu um "Tratado sobre a arte cristã", além de dois outros, "Sobre a arte religiosa" e "Sobre os românticos" (FREDERICO, 2013).

³Ver Frederico, 2013.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Marx vai entender a arte como um desdobramento do trabalho, isto é, tanto o trabalho quanto a arte “inserem-se no processo das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais” (FREDERICO, 2013, p. 44). Assim, entretanto, a arte não vai sobrepor-se ao trabalho, mas aparece como meio de projeção dos anseios individuais que ultrapassam a realidade imediata, não encontrando lugar apenas para uma contemplação desinteressada do “belo natural”, observando que os sentidos passaram por um longo desenvolvimento social, diferenciando-se da natureza. Portanto, para Marx, “arte é atividade, é realização progressiva da essência humana; é, ao mesmo tempo, distanciamento e ação transformadora da natureza” (Idem, p 47).

No centro de sua obra, *Estética*, Lukács (1966) dá início ao seu pensamento acerca da construção artística, no qual encontramos a dialética das relações entre a questão da subjetividade e objetividade: “o universo próprio da obra de arte exprime o mundo real em suas determinações objetivas essenciais, mas unicamente em relação com as aspirações fundamentais do homem” (TERTULIAN, [1929] 2008, p. 63). Essa troca estabelecida a partir da observação e construção da obra de arte retoma o debate posto por Hegel no qual a estética forma as perspectivas do homem diante de si, realizando e reconstituindo-se idealística e concretamente.

Dessa maneira, Santos cita Fisher (2015, p. 128), ao mostrar que,

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social.

Nesta compreensão, percebe-se que há, na arte, uma espécie de reflexo da realidade, na qual Lukács vai compreendê-la como um produto humano (SANTOS, 2015). Desse modo, pensar a mediação da arte no trabalho do(a) Assistente Social no que se refere a diversidade da família e necessidades cotidianas diante da “questão social” é compreender que esta se trata “de uma categoria central para a interpretação da relação sujeito/objeto e conhecimento/experiência em razão da superação da linearidade e da hierarquia dos termos passíveis de mediação” (Idem, p. 139).

Nessa construção, pensar a arte como mediação e instrumento de trabalho na dimensão técnico-operativa do Serviço Social requer uma compreensão da profissão como uma “especialização do trabalho coletivo”, isto é, como afirma Yazbek (1999, p. 93),



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

[...] na trama de relações sociais concretas, na história social da organização da própria sociedade brasileira que se gestam as condições para que, no processo de divisão social e técnica do trabalho, o Serviço Social vai se inserir, neste processo, como mediador, obtendo legitimidade no conjunto de mecanismos reguladores, no âmbito das políticas sócio-assistenciais, desenvolvendo atividades e cumprindo objetivos que lhes são atribuídos socialmente [...].

Assim, portanto, aprofundar o conceito estético de Marx, balizando a compreensão da arte como meio de expressão e reconhecimento social, ou seja, a intervenção mediada através da arte, diante de suas variadas expressões, se coloca diante do cenário contemporâneo como possibilidade de enfrentamento da questão social, seja por meio do terceiro setor, seja por meio das políticas sociais estatais. Neste cenário dinâmico da atuação do Serviço Social surge um emaranhado de questões ao profissional diante de sua prática que o faça pensar criativamente, ao mesmo tempo que trabalhe de modo interdisciplinar no reconhecimento dos usuários da política e no modo interventivo junto aos mesmos, isto é, nas palavras de Santos (2015, p. 148), “requer considerar a instrumentalidade mais além das relações entre instrumentos e corpus teórico”.

Desse modo, importa refletir sobre a arte como mediação no âmbito do Serviço Social a partir da incidência das políticas sociais como direitos sociais no território, tendo em vista sua configuração e dinâmica que lhe são próprias e muito bem desenhadas ao pensar o cotidiano e como as relações se dão. É importante atentar para o aspecto artístico contido na cidade como dimensão produtora de sociabilidade, compreendendo-o como meio de transformação da realidade social, mas também como manutenção da cultura e das configurações de vivência de um povo. É nesse sentido que a arte pode ser canal de emancipação de grupos sociais, de construções mediativas para o diálogo e para a garantia de direitos, na efetivação de políticas sociais.

Vale mencionar que compreendemos território através de uma abordagem materialista, centrada no conceito de espaço geográfico de Milton Santos (2002), no qual sua apreensão ocorre a partir do espaço geograficamente organizado, ou território usado, com suas dinâmicas humanas, diante de seus limites e com a natureza. Nesse entendimento, têm-se no território as ações e os objetos, o que vale perceber a atuação do dinheiro e das técnicas na reorganização do mesmo, em que as forças políticas e econômicas acabam por usar o território em submissão às orientações do capital.

Nessa ótica, o recôncavo da Bahia se coloca como um território de identidade, com suas peculiaridades e especificidades, como resultado da delimitação regional das políticas do governo, considerando critérios sociais, econômicos, geográficos e culturais. De acordo com o

planejamento estadual, os 417 municípios da Bahia foram agrupados em 27 Territórios de Identidade, objetivando promover o desenvolvimento econômico e social dos municípios, orientando o planejamento do estado para reduzir as disparidades regionais (PRATES, 2016).

Como mencionado anteriormente, a cidade de Cachoeira é parte desse Território (Território de Identidade do Recôncavo) e apesar de todo o aparato cultural e artístico contidos nela não tem, em seu arsenal profissional de assistentes sociais até então, um olhar que abarque a arte como meio para possibilitar o diálogo com as políticas sociais nem com a própria Política de Assistência Social que se efetiva na região. A não utilização desse instrumento – aqui não falamos como parte da instrumentalidade – acarreta num exercício, em sua maior parte, burocratizado, e que não constrói junto à população novas rotas de diálogo e emancipação. Como assinalado ao longo deste artigo, a arte constitui o imbricamento entre a relação da estética marxista com o cotidiano dos usuários da Assistência Social, possibilitando diálogos entre eles e as políticas sociais, além de quebra de violências e possibilidades de produção de vínculos. Nessa relação, os grupos culturais já existentes na cidade de Cachoeira podem ser a gênese para o vínculo com o Serviço Social, aprofundando-se a partir do trabalho de assistentes sociais que reconheçam, na arte, a potência para estabelecer o exercício profissional, adentrando a cotidianidade e possibilitando novas parcerias em busca de maiores abrangências dos direitos sociais.

O calendário cultural de Cachoeira é vasto e, para tanto, tais grupos são envolvidos como peças importantes existentes, mantendo a dinâmica e a vivacidade culturais da cidade através, por exemplo, do Terno de Reis, que ocorre em Janeiro; da festa de Iemanjá, em Fevereiro; da festa de aniversário da cidade em 13 de Março; as festividades de semana santa, em Abril; as de São João, em Junho, com tantos atrativos culturais que movimentam a cidade como um todo a partir da mobilização e apresentação dos grupos existentes, atraindo muitos turistas e a população do entorno; a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Agosto, do mesmo modo; a Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica) e a Festa da Ostra que trazem, em Outubro, um grande fervor na dinâmica do cotidiano; em Novembro, a Festa de Nossa Senhora d'Ajuda; em Dezembro, a Festa de Santa Bárbara e os concertos natalinos, além de festivais ao longo do ano, de música, de teatro, de cinema, etc., das dezenas de terreiros de candomblé que fortalecem a religiosidade e a cultura do território. Assim, o Serviço Social tem a potência de constituir, mediante a arte, caminhos emancipatórios na cidade de Cachoeira ao tempo que reflete a realidade social diante das expressões da cultura, da política que ali se espraia e das relações



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sociais através da Política de Assistência Social sendo posta e executada nessa perspectiva por aqueles(as) que acreditam nessa construção social.

Desse modo, diante do trabalho no âmbito da Assistência Social, a relação entre o usuário e a arte se dá de maneira em que a condução do profissional seja caminho de reflexão, onde as pessoas atendidas são livres para pensar e dizer o que ocorre no cotidiano como uma expressão de liberdade, podendo ser ouvidos qualificadamente e tratados como sujeitos de direitos. A arte reflete a realidade contida nas comunidades aparecendo como expressão do que é vivido no cotidiano e indo de encontro às manifestações de violência em decorrência das desigualdades sociais e pobreza. Tais vivências são constituídas pelas manifestações da questão social, nas relações entre trabalho e sociedade, público e privado, entre tantas outras configurações da sociabilidade que emergem a cada dia. Assim, portanto, o Serviço Social tem, no cotidiano e na dinâmica cultural da cidade, a potência de um exercício que pautar a arte como mediação, levando em consideração os grupos artísticos, as manifestações e organizações culturais já existentes, realizando parcerias com lideranças comunitárias e construindo elos políticos, sociais e culturais para a execução da política de assistência social.

Considerações finais

Quando pensamos a atuação profissional do(a) assistente social que trabalha mediante a arte nas instituições, sejam públicas ou privadas, estamos pensando em particularidades que compõem também a sociedade e que a leem numa ótica de crítica porque estão diante de um sistema que oprime e dilacera a liberdade ao tempo que explora a força de trabalho daqueles que não têm outra coisa para oferecer. Quando um(a) assistente social elege a arte como mediação para seu trabalho, este(a) profissional compreende que ela é uma expressão humana que se coloca diante da sociedade capaz de pensar, interpretar e refletir o real, mas que além disso, tem a potencialidade de transformá-lo porque carrega, em suas relações, possibilidades de superação quando se faz compreendida e reconhecida no contexto social.

A estética marxista se coloca, portanto, como dimensão importante para a categoria ao tempo que possibilita um agir profissional calcado na ética, na emancipação humana e na construção de uma realidade diferente da que vivenciamos como produto do sistema capitalista. Mais uma vez, dissemos da importância de um conhecimento aprofundado do locus de trabalho em que o profissional esteja inserido, com suas contradições e grupos que o forma. Isso realiza,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

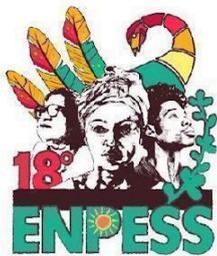
na prática, uma atuação que supere o conservadorismo e o trabalho meramente burocrático, comum dos instrumentais cotidianos, com suas necessidades urgentes.

Ressaltamos a importância da formação profissional que adentre a perspectiva das mediações, tendo a arte como caminho possível na construção emancipatória da sociedade atendida visando o espriamento da liberdade como valor ético real da população. Pensar a formação de tais profissionais a partir das dimensões que lhes são próprias, a saber, ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa, constitui caminho possível no âmbito das relações sociais, contribuindo para o não estranhamento nos usos artísticos para concepções políticas efetivas. O uso da arte como mediação não necessariamente remete-se a(o) assistente social como profissional que organiza, pensa e executa as atividades, mas ele(a) pode, como alguém qualificado e conhecedor dos grupos culturais de seu entorno, por exemplo, atuar com e tais grupos, trazendo para dentro da instituição e gerando uma multiplicidade de ações que interajam e movimentem socialmente. Desse modo, não se faz necessário ser artista para trabalhar com a mediação da arte, mas estar disposto(a) a construir caminhos que aproximem e adentrem na realidade de muitos que se expressam mais fluentemente por meio dela. O reflexo contido na arte a partir do campo de trabalho muito oferta sobre as disparidades vivenciadas no sistema exploratório vigente e, portanto, é caminho de compreensão para um(a) profissional alerta, ativo(a) e também propositivo(a).

A cidade de Cachoeira, sendo parte importante do Território de Identidade do Recôncavo da Bahia, possui, em si, a potência e a dinâmica para adentrar, via profissionais do Serviço Social, em modos distintos de atuação, onde a arte seja caminho possível para debater temáticas sociais, romper com violências domésticas, reduzir os danos causados pela drogadição nas comunidades, etc. A dinâmica do município, em suas manifestações e formas organizativas em muito contribui para um exercício profissional que contenha a arte como modo de aproximação dos sujeitos, em sua diversidade e cotidianidade, essencialmente porque já contém, em si, diversos grupos culturais, sendo pontes reais e necessárias para o trabalho social ao qual propomos.

O uso da arte, desse modo, como mediação no cotidiano, repercute na possibilidade da catarse⁴ e, por conseguinte, na viabilidade que é a transformação das ações, dos atos, da direção advindos pelo pensar crítico após a manifestação artística, construindo efetivamente formas de liberdade através das políticas públicas, garantindo direitos sociais.

⁴ Com base em Lukács (1966), a catarse promove um momento de relação mais efetiva com o gênero humano, elevando-se acima da singularidade, onde o sujeito torna-se consciente do humano-genérico, isto é, de sua individualidade, reconhecendo o que lhe é particular.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Referências

- ÁVILA, Heleni Duarte Dantas; NASCIMENTO, Jucileide Ferreira (Orgs.). **Diagnóstico de vulnerabilidade social do município de Cachoeira/BA**. Prefeitura Municipal de Cachoeira – BA, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.
- CARVALHO, M. C. B. de. NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 5ª Ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács**. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2013.
- GUERRA, Yolanda. O serviço Social na divisão social e técnica do trabalho: resultado de múltiplas determinações. IN: **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. SANTOS, Cláudia Monica, GUERRA, Yolanda, BACKX, Sheila (organizadoras). Editora UFJF, Juiz de Fora, 2012.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo, Editora Paz e terra. 2000.
- IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Info Territórios. SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2023.
- IPHAN. **História – Cachoeira (BA)**. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1390/> Acesso em 12/07/2024.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Estética I: La peculiaridade de lo estético**. Ediciones Grijalbo, S.A., Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona-México, 1966.
- _____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo, Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.
- PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 2016.
- PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. In: **Revista Textos e Contextos**. Porto Alegre, v.6, n.2. p. 221-232, ano 2007.
- TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács: Etapas de seu pensamento estético (1929)**. São Paulo, Editora Unesp, 2008.
- TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Editora Unijuí. Ijuí – RS. Coleção Fronteiras da Educação, 2005.
- PRATES, Elivânia Magalhães. **Pobreza nos territórios de identidade na Bahia: uma análise a partir da abordagem multidimensional** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Bahia, 2016.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, Vera Núbia. Arte como possibilidade de mediação no Serviço Social. **Revista Direito Contemporâneo e Constituição – PIDCC**, Aracaju, Ano IV, Vol. 09, n.2, p. 125-150, ano 2015.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SILVA, Luís Cláudio Requião. **Paisagem cultural do recôncavo baiano: uma narrativa espacial regional a partir da análise do patrimônio urbano.** (Tese de Doutorado). Pós-Graduação em Geografia. Universidade de Brasília, Junho, 2015.

YASBEK, Maria Carmelita. O serviço social como especialização do trabalho coletivo. **Capacitação em serviço social e política social.** Módulo 2: Crise contemporânea, questão social e serviço social. Brasília, CEAD, p.87-99, 1999.